

As Favelas nos Documentários Brasileiros: A participação da comunidade local na representação da realidade

Lara Silva FAGUNDES

Jornalista, mestre em audiovisual e multimédia/ESCS-IPL

Doutoranda em Antropologia /ISCTE-NOVA/2019

lara.lfg@gmail.com

Resumo: O filme documentário pode ser considerado a essência do cinema. Como destaca Penafria (1999), as primeiras imagens em movimento tinham como objetivo apenas registrar os acontecimentos da vida. O documentário assume importância antropológica e relevância em dimensão social e cultural, pela exposição e representação de realidades distintas e pela reflexão sobre a construção de identidades sobre territórios e os corpos que os habitam.

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de investigar dez documentários produzidos entre 2010 e 2016, no Rio de Janeiro (Brasil), sobre a temática “favelas”, para desenvolver uma reflexão e análise categorial sobre os aspetos relevantes de cada produção audiovisual e debater enfoques que representam a realidade dessas comunidades e de seus moradores. A análise permitiu promover reflexão sobre atores reais em seus contextos culturais, as próprias representações da realidade e construção de identidades.

Os filmes evidenciam a relação dos protagonistas com os filmes, as participações na concepção dos documentários, a relação entre homem e território, as experiências e vivências dos moradores e suas múltiplas atuações.

O caráter participativo das produções permite refletir sobre a autorrepresentação dos moradores das “favelas” e sobre o documentário enquanto instrumento de mobilização social que ultrapassa barreiras urbanísticas e promove o desenvolvimento social.

Palavras-chave: realidade social; representação da realidade, autorrepresentação; documentário participativo; favelas; Rio de Janeiro.

Abstract: How Brazilian Documentary shows the “favelas”: The local community participation in the reality representation. The documentary film can be considered the cinema essence. As Penafria (1999) points out, the first moving images were only meant to record the events of life. Today inserted as a cinematographic genre, the documentary assumes anthropological importance and relevance in a social and cultural dimension, by the exhibition and representation of distinct realities and by the reflection on the identities construction on territories and the bodies that inhabit them.

The present research was developed to investigate ten documentaries produced among 2010 and 2016, at Rio de Janeiro (Brazil), on the theme "favelas", to develop a categorical analysis on the relevant aspects of each audiovisual production and to discuss the representations of the reality of these communities and their residents.

The films show the relationship of the protagonists with the audiovisual productions, their participation in the conception of documentaries, the relationship between man and territory, the residents' experiences in the neighborhoods and their multiple actions.

The participative character of the productions analyzed allows us to reflect on the self-representation of the “favelas” inhabitants on the documentary and as an instrument of social mobilization that surpasses urbanistic barriers and seeks to promote social development.

Keywords: social reality; representation of reality, self-representation; participatory documentary; favelas; Rio de Janeiro.

Conceitos e definições do documentário

Considerado como um gênero cinematográfico comprometido com a exploração da verdade e uma aproximação, mesmo que parcial, de uma determinada realidade, o documentário é um gênero cinematográfico caracterizado por tratar de histórias encontradas. Os filmes são classificados como filmes de criação, pois permitem uma exploração (objetiva e subjetiva) da imagem, do poder do olhar, das emoções e imaginações. Penafria (2001) destaca que o documentário tem o objetivo de voltar a atenção dos espectadores para os fatos cotidianos e estabelecer uma ligação entre os acontecimentos. A principal função desse gênero audiovisual é:

Incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não veem ou lhes escapa (Penafria, 2001:5).

O documentário social tem o compromisso de alertar e aproximar os espectadores sobre essas realidades e desencadear discussões sobre o tema. « O documentário é uma poderosa ferramenta educacional, não só na transmissão do conhecimento como na formação da consciência crítica e fomentação de reflexão a respeito dos temas que apresenta » (Baroukh citado por Zandonade & Fagundes, 2003: 41). Os documentários «são retratos da vida real, usando a vida real como obra prima» (Aufderheide, 2007: 15), e têm o objetivo de «promover a discussão sobre o nosso próprio mundo», escreve Manuela Penafria (2001).

Além disso, o documentário representa uma «interrogação sobre a realidade, sobre a nossa própria condição humana» (Penafria, 2001: 8), pois apresenta ao espectador condições sociais que talvez ele não tenha proximidade, o fazendo refletir sobre diversos aspectos da vida. « O documentário não é um filme vazado de qualquer implicação. Ele sempre se posicionou como um gênero em que o essencial é estimular uma reflexão sobre o mundo. » (Penafria, 1999: 76).

As favelas brasileiras no cinema

As favelas - principalmente as do Rio de Janeiro - passaram a ser retratadas no cinema brasileiro desde cedo e têm uma forte presença na história do cinema nacional. Miranda (citado por Rossini, 2000) ressalta que a favela foi retratada pela primeira vez como temática principal no longa-metragem de ficção *Favela dos Meus Amores* (1935), do diretor Humberto Mauro. Mais adiante, o cinema brasileiro seguiu pelo mesmo modelo

dos meios de comunicação de massa, que retratam, com algum sensacionalismo, as ações de violência organizadas pelas guerrilhas urbanas do tráfico de drogas. Fernão Ramos (2008) avalia que o tratamento absorvido também pelo cinema brasileiro contribuiu muito para a criação da imagem do “popular criminalizado”.

O popular criminalizado surge na tela com imagens exasperadas, cheias de tensão, envolvendo a representação explícita, e em detalhe, dos aspectos mais degradantes da vida cotidiana das parcelas mais pobres da população brasileira. A criminalização e o miserabilismo são, portanto, pedras angulares na representação do popular no documentário brasileiro contemporâneo, calcadas na clivagem social que compõem, em essência, a sociedade brasileira. (Ramos, 2008: 210)

A imagem e representação da favela e de seus moradores foi, até então, resultado de uma exploração exterior das suas características; ou seja, os filmes eram produzidos por agentes externos, que não estavam inseridos naquela realidade e exploravam a cultura da violência, pobreza e drogas, na qual os moradores não passavam de figurantes da sua própria história. No entanto, destaca-se que essa figuração começou a ser alterada quando as classes populares e mais desfavorecidas da sociedade passaram a ter acesso às câmeras de vídeo e reconheceram a necessidade de se representarem no cinema nacional. Os moradores da favela ganharam a oportunidade de construir uma figuração sobre si mesmos, tendo por base a visão de como percebem a realidade. Dessa forma, passaram a contribuir para mudar estereótipos nos quais não se sentem representados, motivados por um sentido de verdade, de sentir-se representado nos filmes que produzem (Shohat & Stam, 2006, citado por Bernardo, 2013: 10).

A primeira produção brasileira totalmente concebida, escrita e realizada por moradores de favela foi o filme *Cinco vezes favela: agora por nós mesmos* (2009), produzido por Carlos Diegues e Renata de Almeida Magalhães.

Moradores de favelas enquanto protagonistas no cinema

A participação dos moradores de favelas como protagonistas dos filmes documentais é o que os autores chamam de “autorrepresentação”, a presença de indivíduos de uma determinada realidade para narrarem suas características e relatarem sobre suas vivências, sob a visão que eles têm sobre eles próprios.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (Castells, 2003: 22)

A autorrepresentação das comunidades e dos seus moradores pode ser considerada uma luta emancipatória desses grupos minoritários e excluídos, que até recentemente estiveram reféns das representações feitas por atores externos baseadas em visões generalistas e estereotipadas sobre as favelas.

Sobre essa questão Freire Filho explica que é por meio dos « significados produzidos pelas representações que se dá sentido à experiência humana: o que se é e o que se quer ser, ou seja, é através destes significados que se posiciona e, portanto, se fala. » (2005: 22).

A luta emancipatória é, acima de tudo, uma luta simbólica pautada pelos espaços midiáticos, que sempre relacionaram o favelado ao crime, à violência ou às drogas.

A minoria se baseia na sua própria estrutura social e cultural para formar a sua representação, e é a partir destas estruturas socioculturais que ela desenvolve as suas redes de relações identitárias. Portanto, a representação é a maneira encontrada pelo indivíduo de se mostrar para o outro e transformar isto em uma ferramenta repleta de simbolizações e significações. (Vala & Monteiro, 2004: 495 citado por Paiva & De Mendonça, 2010: 47).

A partir do século XX, os documentários sobre favelas deixam visível que as novas tecnologias facilitaram e desenvolveram o processo de comunicação, permitindo que os grupos minoritários se mostrem ao mundo «com o objetivo de quebrar o silêncio, expor a diversidade social, divulgar sua cultura, a partir de uma nova perspectiva antes calada pelos grupos dominantes» (Paiva & De Mendonça, *ibid*).

Os filmes documentais passaram a apresentar os moradores ou pessoas próximas às favelas falando sobre o local onde vivem e baseados em características afirmativas sobre o seu cotidiano Silva (2005).

Desde o início do século XX, quando as favelas começaram a surgir no Brasil, os moradores lutam pelo direito de falarem por si. Em uma sociedade que dialoga fortemente com os meios de comunicação, os moradores de favelas, desde o início do processo de favelização, perceberam que era imprescindível participar da disputa de sentidos travada na mídia. O direito à voz, principalmente a mediada pelos meios de comunicação, é metáfora recorrente entre os moradores de favelas que se engajam em projetos de intervenção social, principalmente na área cultural. (Maria da Cruz, 2007: 79)

Rocha destaca que o processo de formação identitária dos moradores de favelas enfrentou padrões discursivos e, atualmente, «engendra práticas culturais e sociais, possibilita uma mobilidade simbólica e o deslocamento de visões preconceituosas» (Rocha, 2006: 4).

Documentários analisados

O trabalho aqui apresentado analisou dez filmes documentários produzidos entre 2010 e 2016 sobre favelas do Rio de Janeiro, com a finalidade de identificar os aspetos dominantes e desenvolver uma reflexão sobre a representação da realidade nas comunidades. Os documentários analisados foram: *5x Pacificação* (2012), *Contos da Maré* (2013), *Em Busca de um Lugar Comum* (2011), *Eu, Favela* (2012), *Morro dos Prazeres* (2013), *Natureza na cidade* (2013), *Se Essa Vila Não Fosse Minha* (2016), *Tem Gringo no Morro* (2012), *Todo mapa tem um discurso* (2014) e *Verdejar* (2011).

Enfoque principal dos documentários

Os filmes foram classificados de acordo com o tema central, sendo que três deles têm como enfoque principal a instalação e presença das Unidades de Polícia Pacificadoras nas favelas (*Morro dos Prazeres, Eu, Favela, 5x pacificação*), dois filmes abordam a questão do turismo nessas áreas (*Tem Gringo no Morro* e *Em Busca de um Lugar Comum*), dois falam sobre moradia e organização habitacional (*Se Essa Vila Não Fosse Minha* e *Natureza na Cidade*), um fala sobre projeto social (*Todo Mapa Tem um Discurso*), um fala sobre projeto social e meio ambiente (*Verdejar*), e um fala sobre cultura, especificamente contos e lendas urbanas (*Contos da Maré*).

O principal tema abordado nos documentários é a instalação das UPPs nas favelas e, em seguida, a questão do turismo. Esses aspectos parecem ter se tornado um espelho da atual realidade de algumas comunidades do Rio de Janeiro e, provavelmente, por representarem o momento pelo qual essas áreas estão passando, foram retratados na maioria dos filmes documentais analisados.

O projeto das UPPs foi desenvolvido pela Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro e surgiu com o objetivo de instituir polícias comunitárias nas favelas, para desarticular quadrilhas que, antes, controlavam estes territórios como verdadeiros estados paralelos. A primeira unidade de polícia pacificadora surgiu no final de 2008, no morro Dona Marta, em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Desde a sua criação, em 2008, o processo de pacificação já contou com a instalação de 42 unidades em todo o Rio de Janeiro.

Ainda que o projeto das UPPs seja alvo de discussões e críticas, e merece um debate sobre seus propósitos, efeitos e deficiências –, é possível considerar, genericamente, que a pacificação nas favelas permite que essas comunidades se tornem mais expostas e abertas ao exterior, sendo também cenário para produções audiovisuais. Dessa forma, os filmes ficcionais e documentários são, além de uma forma expor a situação desses locais, uma alternativa de atrair maior visibilidade e interesse para essas áreas, pois são obras realizadas no próprio local e não em cenários produzidos. As obras audiovisuais podem ser consideradas uma consequência da abertura das favelas e, ainda, a própria consolidação desta abertura das comunidades para o exterior.

A análise dos documentários revela que existe uma diferença entre o que a polícia deveria representar nas favelas e aquilo que, realmente, ela representa para os moradores. Entende-se que o processo de pacificação não deve ser um projeto exclusivo de segurança, e, sim, um projeto de cidadania e de integração, tal como previsto.

Em seguida, sendo enfoque principal de dois dos dez documentários analisados, está o tema turismo. As favelas se consagraram como destino turístico a partir de 1996, destaca Freire-Medeiros (2006), quando a visita do astro pop Michael Jackson para gravar cenas do clipe *They don't care about us* colocou em destaque o morro Santa Marta, no Rio de Janeiro.

A antropóloga e socióloga Bianca Freire-Medeiros¹ explica que “não é só vontade de conhecer outra cultura, um tipo de voyeurismo ou desejo de ajudar”, os turistas também estão em busca de uma situação de precariedade que eles desconhecem, há uma espécie de busca daquilo que caracteriza-se como um elemento de anticotidiano, exótico sob o ponto de vista do que estão habituados. Dessa forma, consideradas pitorescas, incomuns e exóticas, as favelas passaram a despertar a curiosidade dos turistas. « A favela emerge como um território autossuficiente, portador de cultura própria, em que os habitantes se

¹ Em entrevista à revista Veja em 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/turismo-de-favela-violencia-atrai-visitantes/>>.

mantêm unidos em oposição à sociedade egoísta que os cerca. » (Freire-Medeiros, 2009: 96).

Em boa parte dos documentários analisados, os personagens mencionam essa procura e interesse dos turistas pelas favelas. A mesma socióloga participou do documentário *Tem Gringo no Morro* (2012) e reforça:

*Essa ideia de que para você conhecer de fato as metrópoles do Sul global, você precisa conhecer os seus territórios de pobreza. É como se ali tivesse a cidade de verdade [...]. É essa a experiência que possibilita a compreensão da dinâmica dessas sociedades como um todo. Você não está entendendo o funcionamento da favela, você está entendendo como é a sociedade brasileira [...]. Violência é parte, violência é parte do produto. Essa expectativa do risco é vivida como uma motivação. Mas é claro que quem vai espera que seja um risco controlado, e é por isso que ele está pagando a agência [...]. A bagunça da Rocinha é uma coisa que encanta o gringo, aquela intensidade, aquela coisa dos fluxos o tempo todo, moto que sobe que desce, de carro, de ônibus. Tem um fervor, uma coisa viva na Rocinha que é muito atraente. (Freire-Medeiros in *Tem Gringo no Morro*, 2012)*

O guia turístico Toninho, também personagem do documentário *Tem Gringo no Morro* (2012), faz uma observação bastante pertinente:

O interessante é que quando o Brasil se promove turisticamente em qualquer outro país do mundo, você vai ter samba, capoeira, mulata, essas coisas, futebol... Onde é que tem isso? Então quando o turista vem, ele vem ver o que? [...] A favela é exatamente o que ele viu o Brasil se promovendo lá fora. Pelo menos nesse sentido, o país deixou de ser cínico.

Embora os documentários analisados tenham tentado apresentar uma visão positiva sobre o impacto do turismo nas favelas, essa opinião também é contestada por estudiosos e pela sociedade civil. Santos (2012) entende que esse tipo de turismo, mediado principalmente agências turísticas externas à favela, não abre espaço para novas informações sobre outros aspetos que constituem as comunidades, como as manifestações culturais e, sobretudo, a história de lutas e resistência que essas áreas e seus habitantes têm.

O autor acredita que as agências de turismo acabam por apresentar a favela como uma vitrine, onde os expostos são os moradores e os expectadores são os turistas, fixa e igual, onde não são percebidos os fluxos econômicos, tampouco os fluxos sociais que compõem o território das comunidades.

Porém, a análise dos documentários permitiu repensar a presença do turismo nas favelas com outras perspectivas, que, possivelmente, estejam sendo alteradas recentemente. A ideia de turismo que não enxerga e nem mostra a favela como um local produtivo e culturalmente definido está sendo modificada, é o que indicam os filmes analisados. A favela começou a se assumir mais do que uma simples vitrine reduzida a estereótipos. As mudanças provocadas pela turistificação das favelas reforçam que « *ao longo da última década, a favela saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração altamente lucrativa e disputada* » (Freire-Medeiros, 2006: 2).

Em tempos de globalização, o que é certo é que a indústria do turismo é responsável por criar maneiras de transformar, circular e consumir localidades, criando uma cultura material e uma “economia de sensações” que lhe é específica. O turismo

precisa, portanto, ser entendido como um processo social capaz de engendrar formas de sociabilidade que produzem efeitos ainda por conhecer. (Freire-Medeiros, *ibid.*)

A análise dos filmes indica que o turismo passou a ser a atual realidade de algumas favelas que foram pacificadas no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que esse processo é fruto da pacificação, é também influenciador de novas atitudes dentro das comunidades, exemplos disso são a produção de arte e cultura para ser oferecida aos turistas, a geração de serviços para atender as demandas de quem visita a favela, a organização de instituições para atrair investimentos e promover ações de cidadania, a oferta de produtos locais, entre outros.

As favelas não apenas foram reconhecidas como destino turístico pela Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A, é o órgão da Secretaria Especial de Turismo da cidade do Rio de Janeiro), mas o próprio poder público passou a promover o turismo nestas localidades. Isto não significa, por certo, que o estigma em relação às favelas e aos favelados tenha se esvaído, pelo contrário, mas que certamente está em jogo uma outra política de visibilidade, para o bem e para o mal. (Freire-Medeiros, *op. cit.*: 21)

O turismo começou a deixar de ser visto como uma promoção da pobreza para se assumir como uma promoção da cultura, deixa de ser relacionado a estereótipos e passa a ser uma forma de acabar com estigmas negativos à respeito das favelas. Pode-se considerar que a abertura promovida pela instalação da polícia nos morros provoca efeito no turismo, que passa a influenciar o desenvolvimento urbano, cultural e social dessas localidades, que por si só já contribui para alterar a imagem estereotipada das favelas. Esse processo parece ser a atual realidade de algumas comunidades do Rio de Janeiro pois conta com a atuação dos moradores.

Aspetos sociais predominantes nos documentários analisados

Os filmes foram categorizados conforme os aspectos sociais predominantes como forma de identificar as semelhanças entre as produções para compreender como os documentários apresentaram as particularidades das favelas e de seus moradores.

Nos filmes, os protagonistas reforçam a imagem de comunidades que apresentam características próprias, distintivas, e que, portanto, não podem ser submetidas a caracterização geral. Ainda assim, os documentários não deixam de citar os problemas sociais e habitacionais que essas áreas enfrentam, como problemas comuns, também enfatizados pela mídia em geral.

Um exemplo disso é que, grande parte dos filmes, apresenta questões de infraestrutura do bairro e habitacional, apoiadas, principalmente, nas imagens panorâmicas gerais dessas áreas, revelando aspectos como: aglomerados de casas, ruas estreitas, ruelas, becos, construções não lineares.

Nas favelas há uma elevada concentração de habitações, e isso não é a expressão de um problema, mas tem um espaço positivo realçado pelo grau de intensidade da vida na favela, até porque os moradores da favela têm uma lógica diferenciada na relação com a rua, pois o espaço do morador é muito mais do que a sua casa. As áreas comuns são muito importantes em sua convivência diária, fato que fortalece as relações de

vizinhança diante da relação com o outro na construção dos espaços comuns, mesmo diante da insegurança. (Souza e Silva, 2009: 83)

As más condições dos bairros são comentadas e podem ser observados em grande parte dos filmes, que trazem imagens e depoimentos dos moradores sobre a precariedade ou falta de serviços básicos nos locais onde vivem.

Pode-se considerar que, no geral, os documentários expressam a atual realidade dos moradores, que vivem em contextos incomuns, dotados de informalidade tanto nas relações pessoais quanto no fornecimento e abastecimento de serviços.

O sociólogo Zygmunt Bauman, em entrevista à Agência Notisa², afirmou que a notória “informalidade” da vida dentro das comunidades, paira constantemente à beira da ilegalidade e assume-se “como uma alternativa” para as agências do Estado, que não são hábeis o bastante para assumir a responsabilidade pela sobrevivência dos empobrecidos, exilados e redundantes moradores dessas zonas. Nos documentários analisados, os personagens falaram sobre as situações de precariedade que tiveram que ser resolvidas com esforços coletivos da comunidade. Essa informalidade apresentada nos documentários é uma das características das favelas e, segundo Bauman, mesmo que o Estado não declare isto abertamente, deve estar confortável com a capacidade de as populações das favelas de “cuidarem dos assuntos com as próprias mãos”.

Os documentários revelam que essa vivência sem normas e sem padrões se assumem como um aspeto natural e não negativo, representativo da vida em comunidade. É relevante observar que a postura dos moradores quanto às adversidades, precariedades e falta de oferta de serviços parece ter um dinamismo autônomo, mesmo na sua informalidade e sem seguir padrões ou normas estabelecidos pelos centros urbanos e pelo Estado. Essa autonomia por parte dos moradores revela ainda um sentimento de comunidade, pertença e sociabilidade que é possível identificar nas relações apresentadas nos documentários. Em termos gerais, o que acontece nas favelas é que, quando há carência de algum serviço básico, os moradores organizam-se para resolver as mazelas do bairro e, muitas vezes, a resolução dos desafios desperta interesse daqueles que não vivem naquele local, como é o caso das instalações elétricas e de esgoto.

Outra característica muito presente nos documentários analisados é a presença de projetos sociais, organizações não governamentais ou coletivos sociais nas favelas. Embora alguns filmes tenham tratado este assunto como enfoque principal, outros optaram por apresentar o trabalho das instituições como enfoque secundário.

Sabendo que as favelas geralmente são zonas habitacionais e sociais onde não há uma presença e atuação do Estado, ou seja, faltam serviços básicos e políticas públicas voltadas para a realidade desses locais, os projetos sociais assumem um importante papel na tentativa de minimizar as carências sofridas.

Como foi possível ver nos filmes analisados, os projetos sociais envolvem esporte, preservação ambiental, escolas, cultura, reciclagem, artesanato, entre outros. A participação dos jovens nas ONGs revela o que defende Jovchelovitch (2013), que existe a ascensão de um novo tipo de ator social nas favelas, que resiste à estigmatização e à homogeneização para mostrar que, apesar da pobreza e da exclusão, existem resiliência, inteligência e uma identidade orgulhosa de si mesma nas favelas e na periferia da cidade.

Na maioria dos documentários são apresentados projetos sociais e voluntários que trabalham nas favelas com a finalidade de amenizar os problemas sociais e como forma de combater o preconceito e atuar para alterar estereótipos envolvendo as comunidades.

² Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman, realizada em 2009 pela Agência Notisa. Disponível em: <<https://rafaelfortes.wordpress.com/2009/10/25/entrevista-de-zygmunt-bauman-a-agencia-notisa/>>.

Aspetos culturais predominantes nos filmes

As primeiras expressões culturais das favelas visíveis nos documentários são os espaços urbanos coletivos, geralmente com grande fluxo de pessoas e com uma mescla de sons de carros, conversas e músicas, que interagem de forma não linear e contínua, sem pretensões e com naturalidade da ação cotidiana. A sociabilidade, entre moradores, visitantes e mesmo com as equipes de produção, é exposta na maioria dos filmes. Isso é percebido, por exemplo, quando algum morador passa pelo local de gravação e cumprimenta os atores sociais envolvidos no filme e, simultaneamente, os produtores do mesmo.

Essa sociabilidade, considerada um elemento básico da cultura brasileira, está particularmente presente na cultura da favela, como expressão da identidade cultural e como um ato de resistência contra as duras condições de vida (Jovchelovitch, 2013). As situações que marcam essa interação social ocorrem em *Em busca de um lugar comum*, *Eu, Favela*, *Tem Gringo no Morro*, *5x Pacificação*, *Todo Mapa tem um Discurso*.

Torna-se fundamental destacar que, apesar dos estigmas da pobreza e da violência que ainda marcam as favelas cariocas, essas regiões são inegavelmente reconhecidas pela riqueza de suas expressões estéticas e modos significativos de representar e afirmar a sua pluralidade cultural.

Embora não sejam marcadas por uma elaboração nos padrões dominantes de cultura, as riquezas expressivas dos universos culturais elaborados nas favelas geram produções subjetivas e coletivas que permitem a construção de pertencimentos em complexas redes de sociabilidade inscritas nesses territórios. Portanto, as favelas constituem patrimônios materiais e imateriais que, embora não consagrados e/ou reconhecidos mais amplamente, são representativos de práticas culturais que inventam, integram e renovam experiências estéticas urbanas. (Barbosa & Dias, 2013: 20)

Falar sobre os aspectos culturais presentes nos filmes sobre favela é importante porque assume-se como uma alternativa para alterar alguns estereótipos sobre essas zonas. Como destacam Alba Zaluar e Marcos Alvito, a favela é:

[...] o espaço onde se produziu o que de mais original se criou culturalmente nesta cidade (Rio de Janeiro): o samba, a escola de samba, o bloco de carnaval, a capoeira, o pagode de fundo de quintal, o pagode de clube. Mas também onde se faz outro tipo de música (como o funk), onde se escrevem livros, onde se compõem versos belíssimos ainda não musicados, onde se montam peças de teatro, onde se praticam todas as modalidades esportivas, descobrindo-se novos significados para a capoeira, misto de dança, esporte e luta ritualizada. (Zaluar e Alvito, 1998: 22)

Nesse sentido, a análise dos documentários identificou que entre os aspectos culturais apresentados está a religião, a música (funk, rap, samba), a dança, a capoeira, o grafite, o artesanato, o futebol, o carnaval.

Os bailes *funk* são considerados símbolos da cultura das favelas e atraem milhares de jovens. As letras desse estilo musical geralmente remetem ao cotidiano das comunidades, falam sobre as minorias, violência, pobreza, discriminação e preconceito. Este ritmo musical se popularizou e deixou de ser ouvido apenas nas favelas, ganhando destaque nacional e internacional, como som oriundo das comunidades e presente no cinema e nas telenovelas. No entanto, com a popularização do *funk* e o crescimento dos bailes nas

favelas, diversos casos de violência envolvendo grupos rivais foram registrados no Rio de Janeiro, isso fez com que os projetos de pacificação previssessem o cancelamento deste tipo de festividades, para minimizar situações violentas, brigas e mortes.

Porém, os filmes analisados revelam que a estratégia da polícia em querer acabar com os bailes *funk* não é aprovada pela comunidade. Segundo os depoimentos de moradores, esses eventos são feitos para a comunidade e atendem aos interesses dos moradores em ter uma alternativa de lazer e festividade. O rapper MC Leonardo, personagem de *5x Pacificação* cita durante entrevista um estudo da Fundação Getúlio Vargas, onde afirma que:

[...] o funk emprega direta ou indiretamente 10 mil pessoas. O funk movimenta 10 a 12 milhões de reais por mês no Rio de Janeiro. O funk tira de casa 3 milhões de pessoas por mês. Metade da população ativa do Rio de Janeiro quando sai de casa, sai de casa para ouvir o funk. E a UPP chega e o funk é inimigo, pelo menos num primeiro momento. [...] O baile hoje é cultura e é o que o morador quer. O baile não pode ser caso de polícia.

Sendo o baile *funk* uma expressão da cultura das favelas, os documentários propiciam uma discussão sobre o controle dessas festividades e reúnem depoimentos de moradores, policiais, especialistas e representantes do governo que discutem sobre as melhores alternativas para se permitir a realização dos bailes de forma segura dentro das comunidades.

Os filmes também falam sobre aquele que é o maior símbolo da cultura brasileira: o Carnaval, reconhecido pelos desfiles de escolas de samba, que surgiram em grande parte no interior das comunidades.

Reflexões e considerações sobre a análise

A análise permitiu compreender a atual situação do cinema documentário na sua relação com o tema favelas do Rio de Janeiro, sendo, portanto, um instrumento de comunicação eficaz para promoção de cidadania e inclusão social. Os filmes analisados trouxeram, sobretudo, o olhar dos próprios moradores e os depoimentos daqueles que têm proximidade com o local. Embora os filmes também registrem a precariedade sobre as infraestruturas urbanas e sobre os problemas de criminalidade desses locais, são também representadas novas perspectivas sobre a vida em comunidade. As produções não estão focadas apenas em revelar fatores habitacionais, como também demonstram aspectos sociais e culturais que ilustram como são as relações diárias e o fluxo cotidiano nas favelas.

A análise vai ao encontro das evidências já recolhidas sobre as favelas, como resultado das desigualdades sociais e reflexo de um país subdesenvolvido. Entretanto, é possível perceber que as comunidades são capazes de mobilizar recursos individuais e coletivos para resistir à exclusão, lutar contra a marginalização e reescrever relações entre a periferia e a cidade.

Embora os filmes tenham demonstrado a precariedade, a pobreza e a marginalização, os moradores dessas zonas contam com competências e habilidades, força de vontade, determinação e sabedoria, que lhes permitem resistir à exclusão e promover o desenvolvimento social. Os projetos sociais e os movimentos pela luta de direitos apresentados nos documentários são exemplos disso.

Também foi possível refletir sobre o contexto de que as favelas participando de forma ativa da economia e da vida sociocultural da cidade como um todo, elas estiveram por muito tempo invisíveis, excluídas por barreiras geográficas, econômicas, culturais, comportamentais e simbólicas. A falta da presença do Estado, a carência de serviços básicos, a escassez de ofertas de emprego, de escolas, a ausência de políticas públicas, a falta de oportunidades, tudo contribuiu para que as favelas e seus moradores fossem excluídos da sociedade e se tornassem vítimas de estereótipos, estigmas e preconceito.

A partir dos anos 2000, a imagem das favelas começou a se alterar, novas possibilidades surgiram e o contexto social permitiu que as comunidades passassem a ser vistas como zonas de grande importância social e cultural, que merecem atenção pelas suas particularidades. Os documentários analisados, embora sejam apenas uma parte daquilo que foi produzido, podem ser considerados representantes da atual realidade dessas áreas e demonstram que novas políticas públicas, como os processos de pacificação, permitiram começar a repensar a situação das favelas. A turistificação das favelas do Rio de Janeiro fez com que se dirigisse um novo olhar sobre essas áreas e, embora o processo também seja muito discutido e criticado, a verdade é que também está sendo capaz de trazer resultados benéficos para os moradores e para a situação das favelas.

A presença da polícia e o turismo surgem nos documentários como aspectos representativos de uma parte da realidade atual das favelas, por isso, pode-se entender que esses fatores configuram-se como os mais marcantes do período que se vive nessas zonas. Os filmes transmitem a mensagem de que esses dois pontos, UPPs e turismo, surgiram muito próximos um do outro, desde 2000, e foram os responsáveis por desencadear alterações nas comunidades, nos seus moradores e na relação e interação entre favela e asfalto.

Os documentários reforçam que, ainda mais expostas, as favelas conquistaram a oportunidade de se autorrepresentarem no contexto social e cultural. Contudo, deve-se destacar que, não somente a abertura das comunidades para novos olhares e novas perspectivas, como também a integração dos moradores e a motivação de participarem e de mudarem as representações sociais que deles existem, estão a fazer com que a favela assuma um espaço que é seu por direito, na sociedade e na cultura brasileira.

A interação, a sociabilidade, a participação voluntária, a preocupação com meio ambiente, a ajuda ao próximo, as manifestações culturais, o pensamento coletivo, são conceitos e práticas que estão presentes nos filmes e demonstram a realidade do cotidiano nas favelas. Os documentários alertam para novas possibilidades de repensar as favelas e demonstram a necessidade dos moradores de falarem sobre suas condições de vida, como forma de combater o preconceito.

O objeto de estudo deste trabalho é resultado da ação direta ou indireta de moradores, sejam enquanto personagens, expondo suas opiniões e apresentando os seus pontos de vista, ou como realizadores ou diretores dos documentários, assumindo um papel decisivo na condução das narrativas. Essa participação protagonizada por indivíduos que pertencem à realidade das favelas pode ser encarada como um aspecto positivo do desenvolvimento cultural e social que essas áreas vivem.

Além disso, é importante mencionar que a visibilidade social dos jovens moradores de favela pode ser considerada um dos efeitos do advento e multiplicação da internet e do acesso aos equipamentos cinematográficos, que pode ser considerado parte do caminho que se percorre para que os moradores comecem a adotar ações para modificar a imagem das favelas.

A presença dos moradores de favelas em filmes documentais sobre essas zonas destaca a diferença entre a fala do outro sobre o “nós” e do “nós” sobre si próprio. Dessa forma,

é importante que estas representações sejam cruzadas e se possam confrontar as exorepresentações e as autorrepresentações para que as imagens das favelas possam ser repensadas.

Bibliografia de referência

- Aufderheide, P. (2007). *Documentary film: a very short introduction*. Published by Oxford University Press, Inc., Madison Avenue, New York, NY.
- Bernardo, G. F. (2013). *Um olhar estrangeiro sobre a favela carioca no documentário complexo: universo paralelo*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Maria. Frederico Westphalen.
- Castells, M. (2003). *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Freire Filho, J. (2005). *Força de expressão - construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias*. Revista Famecos, Porto Alegre, n.28, pp. 18-29, dezembro.
- Freire-Medeiros, B. (2006). *A construção da favela carioca como destino turístico*. Rio de Janeiro: CPDOC.
- Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Grierson, J. (1932/1979). *First Principles of documentary*. Faber & Faber, London.
- Jovchelovitch, S. (2013). (org.) *Sociabilidades subterrâneas - identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro*. Brasília, Unesco. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002238/223831POR.pdf>>. [Consult. 16 out. 2016].
- Maria da Cruz, M. (2007). *Vozes da favela: representação, identidades e disputas discursivas no ciberespaço*. In Borges, T. M. Passando dos limites? Mídia e transgressão – Casos brasileiros.
- Nichols, B. (2001). *Introdução ao documentário*. Campinas, São Paulo: Papyrus.
- Paiva, L. L. O.; De Mendonça, M. L. M.. (2010). iCarts Of Darkness. Revista Comunicação e Informação. v.13. pp.44-57. Jan/jul. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewfile/19287/11263&>>. [Consult. 01 set. 2016].
- Penafria, M. (1999). *O filme documentário, história, identidade, tecnologia*. Edições Cosmo, Lisboa.
- Penafria, M. (1999). *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*. Universidade da Beira Interior.
- Penafria, M. (2001). *O ponto de vista no documentário*. Universidade da Beira Interior
- Penafria, M. (2009). *O Paradigma do Documentário: António Campo, Cineasta*. Covilhã: Livros LabCom.
- Ramos, F. P. (2008). *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac/SP.
- Rocha, E. (2006). *Representações do Consumo: Estudos sobre a narrativa Publicitária*. PUC/Maudad.
- Rossini, M. S. (2003). *Favelas e Favelados: a representação da marginalidade urbana no cinema brasileiro*. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, nº 10, nov. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewfile/795/8987>>. [Consult. 12 jun. 2016].
- Santos, R. S. (2012). *Aspectos Territoriais Relacionados Ao Turismo De Base Comunitária Em Favelas Cariocas Urbanizadas*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola Politécnica Programa de Engenharia Urbana, Rio de Janeiro. Disponível em:

- <<http://www.dissertacoes.poli.ufrj.br/dissertacoes/dissertpoli995.pdf>>. [Consult. 20 out. 2016]
- Silva, S. T. P. (2005). *História, documentário e exclusão social - as imagens do povo e do excluído no Cinema Brasileiro (1960-2000)*. Dissertação. Pós-Graduação em História pela USS – Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ.
- Souza e Silva; J. (2009). *O que é favela, afinal?* Observatório de Favelas. Disponível em: <<http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>>. [Consult. 12 jun. 2016].
- Solos Culturais / organizadores: Jorge Luiz Barbosa e Caio Gonçalves Dias; ilustrações de Paula Santos – Rio de Janeiro: *Observatório de Favelas*, 2013.
- Zaluar, A.; Alvito, M. (1998) (orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, FGV.
- Zandonade, V.; Fagundes, M. C. J. (2003). *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*. Assis-SP, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis.

Filmografia

- 5x Pacificação. Episódio (2012). Morro; Polícia; Bandidos; Asfalto; Complexo. Barcellos, Cadu; Vidigal, Luciano; Felha, Rodrigo; Novais, Wagner. Produção: Cacá Diegues e Renata de Almeida. Complexo do Alemão, Rio de Janeiro. Cinemateca Brasileira. (96 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dDqsShrjFw>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Contos da Maré (2013). Direção de Douglas Soares. Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org (18 min), son., color, documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=esqmUqhhqHA>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Em Busca de um Lugar Comum (2011). Direção de Felipe Schultz Mussel. Favela da Rocinha, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org (80 min), son, color, documentário. Disponível em: <<https://vimeo.com/54012067>>.
- Eu, Favela (2012). Direção de Ana Luiza Mello e Viviane Giaquinta. Chapéu Mangueira, Bairro do Leme, Rio de Janeiro. Cinemateca Brasileira. (5 min. 59 seg.). Disponível em: <<http://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/eu-favela/>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Morro dos Prazeres (2013). Direção de Maria Augusta Ramos. Morro dos Prazeres, Santa Teresa, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org. (57 min), son., color, documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ffMX0eN7h5w>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Natureza na cidade (2013). Direção de Katia Augusta Maciel. Floresta Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org. (11 min), son., color, documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_dHDRvE8nZc>. [Consult. 01 set. 2018].
- Se Essa Vila Não Fosse Minha (2016). Direção de Felipe Pena. Vila Autódromo, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org. (52 min), son., color, documentário. Disponível em: <<https://vimeo.com/111136607>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Tem Gringo no Morro (2012). Direção de Bruno Graziano e Marjorie Niele. Produção: Bruno Graziano, Everton Oliveira e Marjorie Niele. Rocinha, Rio de Janeiro. Cinemateca Brasileira. (26 min. 51 seg.) Disponível em: <<https://vimeo.com/68427158/>>. [Consult. 01 set. 2018].
- Todo mapa tem um discurso (2014). Direção de Francine Albernaz, Thaís Inácio. Maré/Rocinha, Rio de Janeiro. Documentário Brasileiro.Org. (62 min), son., color, documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?t=5&v=q6wxVsxqhSo>>. [Consult. 01 set. 2018].

Verdejar (2011). Direção de Marcio Isensee e Sá. Serra da Misericórdia, Rio de Janeiro. Cinemateca Brasileira. (5 min. 58 seg.) Disponível em: <<http://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/verdejar/>>. [Consult. 01 set. 2018].